

# Cargos dão trabalho e prestígio

As tarefas aparentemente não são atraentes: cuidar de apartamentos funcionais, controlar freqüência dos colegas em plenário e decidir quando o decoro parlamentar é ferido, entre outras. Se fosse só isso, ficaria difícil entender por que os deputados brigam tanto para conquistar uma das dez vagas na Mesa Diretora (fora a presidência). Mas o ingrediente que os atrai é forte: fazer favores a colegas, ganhar gabinetes amplos, prestígio e, sobretudo, poder.

É negociando esses cargos com as lideranças dos partidos ou diretamente com os parlamentares que o candidato à presidência da Câmara forma sua base parlamentar. Diferente do Senado, onde o maior partido indica, sem necessidade de eleição em plenário, o presidente da Casa, o *presidenciável* da Câmara precisa de metade mais um dos votos. Trata-se de autêntica campanha eleitoral, em que o candidato garimpa votos entre as bancadas,

oferece jantares e — isto sim, inédito na tradição da Casa — apresenta sua proposta *de governo*. Este ano, a promessa dos candidatos é tornar a Casa mais ágil.

**Vale tudo** — Para garantir seu quinhão na seara de poder, vale tudo. Inclusive imitar o até pouco tempo desconhecido Valdemar Costa Neto (SP), líder do PL. Ele conseguiu ser notícia reunindo um grupo que acenava com a possibilidade de lançar candidato próprio em oposição à candidatura de Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). A estratégia deu certo: Costa Neto garantiu com o pefelesta a promessa de uma suplência na Mesa, para a qual será indicado o deputado Romieu Tuma Filho (SP). Se valesse apenas a regra da proporcionalidade, o PL nada levaria.

O PMDB, com 107 deputados, negocia mais alto seu apoio a Luís Eduardo: a 1<sup>a</sup> vice-presidência ou a 1<sup>a</sup> secretaria. Os nomes que disputam são João Henrique (PI), Henrique

que Eduardo Alves (RN), Geddel Vieira Lima (BA) e Fernando Diniz (MG). O PSDB escolhe o cargo que o PMDB preterir, e já tem um candidato, Aécio Neves (MG), atual 2<sup>a</sup> secretário, que deve subir para 2<sup>a</sup> vice-presidência.

O PPR deverá ficar com a 2<sup>a</sup> secretaria, e também já tem nome: Beto Mansur (SP). O PP, fechado com Luís Eduardo, ainda não tem indicação, e imagina formar bloco com o PPR para conquistar lugar ao sol. O PTB, porém, já definiu não só que Nelson Trad (MS) continua na liderança, como também que o ex-governador de Minas, Hélio Garcia, assumirá a presidência do partido. O atual presidente, Rodrigues Palma (MT), vai para a Mesa. O PSB e o PC do B articulam um grupo para lançar candidatura conjunta com o PT ou o PDT.

No Senado, a composição da Mesa é proporcional e os cargos de comando são menos disputados.